

Finanças



Orçamentos | Dívidas | Contentamento

VERDADE DIVINA

Finanças

Redefinição financeira <i>David Petterson</i>	03
Compreendendo o propósito do dinheiro <i>Mike Knox</i>	04
O negligenciado orçamento <i>Matthew Cain</i>	07
As garras da dívida <i>Paul Barnhardt</i>	10
O amor ao dinheiro <i>Shawn St Clair</i>	14
O evangelho da prosperidade <i>Dan Shutt</i>	17
A lepra da ganância <i>David Petterson</i>	20
Consumismo <i>A.J. Higgins</i>	23
Contribuindo <i>Justin Pratt</i>	27
Contentamento <i>Ryan Coleman</i>	30
A vida financeira de Cristo <i>John Dennison</i>	33
A auditoria final <i>Mark Sweetnam</i>	36

Copyright © 2025 Verdade Divina, www.verdadedivina.com.br

Traduzido por Eduardo de Almeida Macedo com a devida permissão de Truth & Tidings.

Todos os direitos reservados. Verdade Divina é uma marca registrada. A reprodução total ou parcial desta revista não poderá ser realizada por nenhum meio possível, sem a prévia autorização do editor.

Redefinição FINANCEIRA

É difícil prever como estarão as economias dos países, quando este artigo for publicado, mas é provável que “saudáveis” não será a palavra utilizada para descrevê-las. A pandemia do COVID-19 certamente remodelou as economias, bem como muitos outros segmentos do nosso planeta, para sempre. E agora é, provavelmente, o melhor momento para permitir que ela reformule nossas perspectivas financeiras pessoais. Pode ser que seja hora de uma redefinição financeira.

É possível que sua visão sobre dinheiro tenha mudado nas últimas semanas – bem como a quantidade dele que você possui. Para algumas pessoas, essa pode ter sido a primeira vez que uma necessidade financeira as tenha atingido diretamente. E agora você pode estar com dificuldades para ajudar os outros, porque você mesmo não tem nada. Notícias de organizações e de igrejas que fornecem suprimentos médicos e alimentos em áreas severamente atingidas por catástrofes são animadoras; mas é desanimador quando você não tem nada a dar, pessoalmente, para ajudar nessas situações críticas. Talvez seja hora de uma redefinição financeira.

Há apenas algumas semanas ou meses atrás, pode ter sido valioso para nós sermos vistos vestindo a última moda, usando os smartphones mais recentes, com nossos filhos matriculados nas escolas mais caras, dirigindo os melhores carros e postando fotos dos destinos mais exóticos das nossas férias. O quanto isso importa hoje? Sou eu o único que se sente culpado por ter gastado em algumas dessas coisas, quando poderia ter usado esse dinheiro agora para, quem sabe, salvar vidas? Nossa visão do dinheiro pode precisar de um novo alinhamento à luz das Escrituras, e é disso que se trata esta questão. É, de fato, hora de uma redefinição financeira.

Nesta edição, vamos examinar a finalidade e o potencial do dinheiro, bem como seu uso e abuso. Veremos que o dinheiro é uma ferramenta e que muitas coisas boas podem ser feitas com ele, quando aplicado adequadamente. Claro, o dinheiro também pode ser destrutivo, quando utilizado de forma inadequada. Uma motosserra na minha mão provavelmente será destrutiva, mas, nas mãos do meu sogro, uma ferramenta incrivelmente produtiva e eficaz. Alguns dos artigos a seguir mostram que o dinheiro pode ser uma armadilha. **Precisamos estar atentos para não cair na armadilha devastadora do amor ao dinheiro** (1 Timóteo 6:9-10). Mas, mais do que tudo, o dinheiro é uma prova dos nossos valores, prioridades e caráter. **Em nossa busca desenfreada de manter um certo status social elevado, quanto dinheiro jogamos fora, ignorando (intencional ou ingenuamente) a necessidade dos outros ao nosso redor?**

O teste final do que fazemos com o nosso dinheiro está chegando. Mesmo para quem teve pouco dinheiro nesta vida, a auditoria pessoal final do Tribunal de Cristo avaliará como o usamos. E para aqueles que tiveram em abundância, devemos lembrar as palavras do nosso Senhor: **“E a qualquer que muito for dado, muito se lhe pedirá”** (Lucas 12:48).

Então leia esta edição, junto com sua Bíblia, e aperte o botão de redefinição.



Compreendendo o Propósito do Dinheiro

Querido João,

Você está em Cristo, há dois meses, e só agora percebi que seu nome significa "generoso". Fico feliz que você esteja se debruçando sobre os Evangelhos; são leituras obrigatórias para um cristão recém-convertido. Você já reparou o quanto nosso Senhor tem a dizer sobre dinheiro? A razão é simples: somos Seus mordomos, e Ele nos chamará um dia para prestar contas de como administramos Seu dinheiro. Devemos entender, portanto, o que Aquele que é o Caminho tem a dizer sobre o propósito do dinheiro. Ele nos é concedido para que possamos gastá-lo, dá-lo, investi-lo e usá-lo.

Para gastar em troca de bens e serviços

Pode ser básico, mas é importante que você saiba que o dinheiro é bíblico. O objetivo do dinheiro é servir como uma moeda que todos valorizam para que bens e serviços possam ser trocados. Até

agora, meu barbeiro tem relutado em cortar meu cabelo em troca dos meus sermões escritos. No entanto, meu dinheiro parece ser a resposta! Do mesmo modo, como Abraão conseguiu um lugar para o sepultamento de sua mulher? Ou como o mundo antigo conseguiu

comida para as famílias famintas, durante o tempo de José? Com dinheiro (Gênesis 23:16; 47:14).

Espero que você consiga ver que invenção maravilhosa é o dinheiro. Nós o ganhamos pelo trabalho que realizamos, e com ele somos capazes de adquirir necessidades e desejos que nunca poderíamos produzir sozinhos. E tudo isso é de Deus, *"que abundantemente nos dá todas as coisas para delas gozarmos"* (1 Timóteo 6:17; cf. Deuteronômio 8:18; 14:25-26). Pagar impostos em troca de benefícios do governo ou pagar o salário de um trabalhador pelos serviços prestados a você são exemplos de como usar o dinheiro de acordo com o seu propósito e maneira de viver demonstrando sua nova fé em Cristo (Provérbios 3:27-28; Romanos 13:7; Mateus 22:21; Tiago 5:1-6).

Para dar sem esperar nada em troca

Aqui é onde seu nome entra em cena, João. Não devemos apenas trabalhar para ganhar dinheiro e podermos gastá-lo, mas também devemos trabalhar para ganhar dinheiro a fim de doá-lo. Aos outros. Voluntariamente. Uma carta de discipulado bem mais antiga do que esta diz: *"Aquele que furtava não fure mais; antes, trabalhe, fazendo com as mãos o que é bom, para que tenha o que repartir com o que tiver necessidade"* (Efésios 4:28). O homem que escreveu essas palavras viveu por elas.

Paulo trabalhou arduamente para que pudesse ajudar os fracos e aprendeu a fazê-lo como o próprio Cristo, que nos ensinou que *"mais bem-aventurada coisa é dar do que receber"* (Atos 20:33-35). Então, faça jus ao seu nome, João! Seja generoso, dê aos pobres e não se esqueça *"da beneficência e comunicação, porque, com tais sacrifícios, Deus se agrada"* (Hebreus 13:16; cf. Deuteronômio 15:11; Mateus 5:42).

Para investir em um retorno futuro

Mas tenho que te avisar, você não pode fugir disso. Dar sem esperar receber nada em troca, é isso. Quando Deus está satisfeito com os sacrifícios, Ele nos recompensa por eles! Dada a natureza da vida neste mundo, em que não podemos trazer nada e nem levar nada (1 Timóteo 6:7), o único dinheiro que conseguiremos manter é o que repartirmos. Nos caminhos generosos de Deus, dar a troco de nada é uma impossibilidade, pois Ele está determinado a nos recompensar ricamente. Dar, portanto, torna-se investir, um dos propósitos mais importantes do dinheiro. Eu sei, também ainda estou tentando entender. Mas dê uma olhada em 1 Timóteo 6:17-19. Observe que Paulo fala acerca dos ricos *"deste mundo"*, e das incertezas das suas riquezas. Empilhar dinheiro aqui na Terra é um mau negócio, e a sua perda é certa (Mateus 6:19). Mas logo

Paulo fala sobre entesourar um bom fundamento para o futuro. Qual é a alquimia que transforma papel em ouro, e dinheiro transitório numa fortuna eterna? É o investimento de, simplesmente, dar.

Leia a parábola dos talentos. Devemos investir para o nosso Senhor obter um retorno, e então Ele recompensa os Seus servos que o fazem (Mateus 25:14-30). Você se recorda do Senhor Jesus Cristo observando a viúva que depositou na arca do tesouro as suas duas últimas moedas? Ele é como Seu Pai, que vê em secreto e nos recompensará publicamente (Marcos 12:41-44; Mateus 6:4). Invista! Adquira fortuna! Dinheiro é como aquelas notas de brinquedo: quando aprendermos a lidar com ele, então nosso Pai nos confiará as verdadeiras riquezas, a coisa real. Gaste-o de maneira inconsequente e você fará amigos provisórios. Ou invista com sabedoria e você fará amigos para a eternidade (Lucas 16:9,11; Provérbios 19:4). Uma tribo é alcançada através de um projeto de tradução da Bíblia que você apoia. Crianças vêm a Cristo em um orfanato para o qual você envia fundos. Eles, e muitos outros, estarão fazendo fila para recebê-lo quando você fizer sua entrada no Céu.

Para revelar a Cristo como nosso tesouro

O dinheiro nos oferece uma excelente oportunidade, pois pode revelar o valor que atribuímos ao Senhor Jesus Cristo. Observe como

Mateus contrasta Judas com uma mulher (que considero ser Maria) em 26:1-16. Para Judas, Jesus valia 30 moedas de prata; para Maria, Ele era tudo. Lucas contrasta o jovem príncipe rico com Zaqueu. Um amava o dinheiro; o outro amou a Jesus (18:18-23; 19:1-10). Uma maneira de testar o quanto você valoriza o Senhor Jesus é verificando o extrato do seu cartão de crédito. Como se costuma dizer na política, siga o dinheiro.

"Honra ao Senhor com os teus bens" (Provérbios 3:9 - ARA). O objetivo final do dinheiro é usá-lo para engrandecer a Deus. Ao refletirmos acerca da graça de nosso Senhor Jesus Cristo – Ele é o supremo Rei, dono de todas as coisas, que se tornou pobre por nós, para que pudéssemos nos tornar ricos (espiritualmente); Sua graça transborda para dentro e para fora de nós, nos levando a ser generosos com Seus santos (2 Coríntios 8:1-3,9). Quando cristãos necessitados recebem a ajuda de outros salvos, eles transbordam em ações de graças e glória a Deus, pela Sua graça que inspirou tal socorro (2 Coríntios 9:12-15). O dinheiro concedido em amor aos irmãos é uma moeda que faz a igreja ser reavivada em hinos de louvor a Deus pela Sua graça.

Por agora, era só isso.

Tudo pela graça,

José

O Neglenciado

ORÇAMENTO

“Planejarás prontamente um orçamento mensal” não é um mandamento bíblico, dirigido às pessoas que estão arrumando sua própria casa. Mas realizar um orçamento é tanto senso comum quanto parte de uma boa teologia do dinheiro.

Princípios Bíblicos em jogo

As Escrituras recomendam um planejamento adequado. *“Os pensamentos do diligente tendem à abundância, mas os de todo apressado, tão somente à pobreza”* (Provérbios 21:5). *“Vai ter com a formiga...”* (Provérbios 6:6-11).

Orçar pode nos ajudar a estabelecer prioridades com nossas finanças. Podemos querer colaborar com um melhor apoio financeiro na obra do Senhor; um orçamento nos permite ver para onde nosso dinheiro está indo e como podemos redistribuir fundos para propósitos melhores. *“Buscai primeiro o Reino de Deus, e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas”* (Mateus 6:33).

Nós somos mordomos de tudo aquilo que Deus nos fornece, incluindo nosso dinheiro. Ele espera que o usemos com sabedoria, não de forma descuidada. *“Quem é fiel no mínimo também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo também é injusto no muito”* (Lucas 16:10; ver também versículos 1-13).

Calcular receitas e despesas pode nos ajudar a desenvolver as virtudes do autocontrole e da disciplina. *“Como a cidade derribada, que não tem muros, assim é o homem que não pode conter o seu espírito”* (Provérbios 25:28). Quanto o nosso orçamento nos permite gastar com comer fora este mês? E se você optar por gastar dinheiro em um restaurante em vez de preparar uma refeição em casa, considere convidar alguém para se juntar a você; combine seu tratamento consigo mesmo à bênção de servir outras pessoas.

A elaboração de um orçamento nos permite identificar problemas e fazer mudanças para evitar a escravidão da dívida. *“O que toma emprestado é servo do que empresta”* (Provérbios 22:7).

Providenciar as necessidades domésticas é uma responsabilidade cristã. *“Se alguém não tem cuidado dos seus e principalmente*

dos da sua família, negou a fé e é pior do que o infiel” (1 Timóteo 5:8). O orçamento não é uma lei bíblica, mas é uma ferramenta para nos ajudar a cumprir responsabilidades bíblicas.

Exemplos Bíblicos a considerar

Em Lucas 14:28-30, o Senhor Jesus usou o exemplo de um homem que queria construir uma torre, mas não fez a conta dos gastos, e ficou embaraçado porque iniciou um projeto que não podia terminar. O Senhor usou isso para ensinar uma lição sobre algo muito mais importante: uma falha em não contar o custo de seguir a Cristo. Mas a escolha de tal cenário é indicativa de como o orçamento financeiro é, simplesmente, uma maneira lógica e de senso comum para se viver com sabedoria. Vergonha, decepção e frustração são consequências comuns de um mau planejamento financeiro.

Ao receber a responsabilidade sobre o império do Faraó, José foi encarregado de gerenciar o suprimento de alimentos do Egito (Gênesis 41). Ele previu o que o futuro reservava para eles e, basicamente, contabilizou os recursos da nação para prover para o povo durante os anos de fome. Há uma lição importante aqui: embora não tenhamos certeza sobre o futuro, é razoável esperar que necessidades financeiras vão surgir – acidentes ocorrem e as coisas não acontecem sempre como esperamos. Um orçamento nos possibilitará ter alguma margem de manobra. Se o seu planejamento for projetado apenas para circunstâncias ideais, e não conter margem para despesas irregulares, ele vai te decepcionar.

Lições aprendidas por experiência

Ao preparar nosso orçamento preliminar, pouco tempo depois de nos casarmos, Esther e eu descobrimos dois problemas. O primeiro foi que, do jeito que ele havia sido feito, não iria funcionar; havia uma forte probabilidade de que, em alguns meses, sairia mais dinheiro do que entraria. Não cometa o erro de pensar que você pode simplesmente usar seu cartão de crédito para atravessar o momento de escassez e pagá-lo quando as coisas (esperançosamente) melhorarem por aí. Dívidas de cartão de crédito são fatais; não deixe para pagar a conta do cartão de crédito depois da data de vencimento mensal. Percebemos que tínhamos que diminuir o que planejávamos gastar ou então iríamos cavar a nossa própria cova. *"O avisado vê o mal e esconde-se; mas os simples passam e sofrem a pena"* (Provérbios 22:3).

Segundo problema: depois de alguns meses, percebemos que nossas ofertas para a obra do Senhor, por meio da igreja local ou em particular, haviam se tornado uma sobra do que restava depois que todo o resto já tinha sido alocado. Embora nossos gastos não correspondessem a um estilo de vida extravagante, eles refletiam alguns desejos que não

De fato, precisamos confiar em Deus no campo das finanças e de nossas necessidades para viver, mas fé e planejamento não são conceitos opostos entre si.

eram, obrigatoriamente, necessários. De novo, nosso orçamento nos ajudou a ver o que poderíamos mudar. Diante do Senhor, determinamos uma porcentagem da nossa renda que queríamos ofertar. Tentamos, então, definir como nossas despesas mensais seriam alocadas a fim de dar mais ao Senhor. **"Honra ao Senhor com os teus bens e com as primícias de toda a tua renda"** (Provérbios 3:9 ARA).

Por que o orçamento é negligenciado?

A personalidade de alguns indivíduos é particularmente contrária ao ato de planejar com detalhes e de sempre estar verificando, posteriormente, os números; só de pensarem nisso gera aquela sensação de ter as unhas ou um giz raspando num quadro-negro. Mas, às vezes, os desafios precisam ser encarados de frente, e o "touro deve ser domado pego pelos chifres". Para outras pessoas, o planejamento prévio é negligenciado porque os benefícios nunca foram explicados, e ainda não foram examinados por eles. Outros ainda podem achar que o orçamento é desnecessário em uma vida de fé. De fato, precisamos confiar em Deus no campo das finanças e de nossas necessidades para viver, mas fé e planejamento não são conceitos opostos entre si. Às vezes, surgem circunstâncias que estão fora do nosso controle e que ultrapassam o orçamento, trazendo enormes pressões financeiras – e elas não passam despercebidas pelo nosso Pai Celestial (cf. Mateus 6:32). Mas isso não nega o valor do planejamento.

A prática de calcular com antecedência e a adesão a ela, geralmente, são um exercício de autodisciplina. Há milhões de pessoas no mundo para as quais a palavra "orçamento" não faz parte do seu vocabulário; elas não têm nada para terem com o que orçar e apenas esperam sobreviver um dia após o outro. As circunstâncias pessoais da maioria dos que leem este artigo são diferentes. Se você possui uma certa abundância, vem então a responsabilidade de ser sábio, e não desinteressado, com o que o Senhor lhe confia. No mínimo, faça um relatório de como você gastou seu dinheiro durante o ano passado, o que será um exercício espiritualmente frutífero e que vai abrir os seus olhos. **"Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras?"** (Lucas 16:11).



As Garras da DÍVIDA

"Apenas um devedor da misericórdia..." Oh, que as palavras deste hino fossem verdadeiras para todos – que fôssemos apenas devedores da misericórdia! A humanidade como um todo tem uma grande dívida de adoração e glória ao supremo e gracioso Deus, de Quem todas as bênçãos fluem. Com a entrada do pecado no mundo, restringindo a capacidade do homem e da criação de darem a Deus o que Lhe é devido, um enorme déficit se acumulou desde o paraíso (Éden) e desde os louvores iniciais

de nossos primeiros pais, Adão e Eva. Nesse sentido, o pecado rouba de Deus a Sua glória, mas todos nós podemos nos maravilhar com a sublimidade das palavras do Salmo 69:4: **"então, restitui o que não furtei"**. No Calvário, Cristo pagou não apenas nossa dívida do pecado, mas tudo aquilo que a criação perdeu no Éden. Deus encontra em Cristo e no Seu sacrifício tudo e mais ainda do que o pecado roubou. O último resgate ainda está para ser realizado, mas o preço de todos os pagamentos em atraso foi pago!

A Bíblia nos assegura que tesouros terrestres podem ser perdidos repentinamente.

Embora a conta espiritual de um cristão esteja liquidada para sempre, a conta fiscal de um indivíduo pode lhe tirar o sono. Milhões em todo o mundo estão imersos em dívidas pessoais, em países que também possuem dívidas públicas. As dívidas do Estado, aparentemente, não nos causam muitas noites sem dormir, mas a dívida pessoal pode ser um fardo pesado que pressiona a mente de muitos. Se alguma vez na vida já devemos a alguém qualquer coisa, como uma carta, um almoço ou impostos às autoridades, deveria haver um esforço para pagar qualquer dívida. **"A ninguém devais coisa alguma"**: a exortação de Paulo, em Romanos 13, não é uma vedação a tomar empréstimos; é uma proibição de deixar de pagar o que é devido ao outro. Deveria ser uma prioridade para o cristão pagar o que deve, pela honra do nome Daquele a Quem mais deve.

Embora seja justo pagar um débito, evitar as dívidas antes de tudo é ainda melhor. Deus nunca quis, em Israel, que houvesse dívidas

perpétuas, razão pela qual, em parte, estabeleceu a remissão dos sete anos. Ao final de Lucas 14, o Senhor Jesus ilustra a verdade a respeito do discipulado, sugerindo que é prudente contar os custos antes de se comprometer com um projeto. O homem sábio de Provérbios 22:7 observou que **"o que toma emprestado é servo do que empresta"** e não é livre para perseguir seus próprios interesses. O Senhor disse em Lucas 16 que um homem não pode servir a Deus e a Mamom. Alguns se dedicam à busca de riquezas, enquanto outros ficam cativos, comprometidos durante anos de trabalho, mas presos nas garras da dívida. Em ambos os casos, tempo, força e oportunidades para servir a Deus são perdidos em troca de servir ao dinheiro.

Assim como uma teia de aranha, dívidas entrelaçam-se rapidamente e são frequentemente tecidas pelas nossas próprias escolhas. Será mesmo que eu realmente precisava daquele carro específico, ou dessa casa de três andares nesta parte

luxuosa da cidade? Será que o diploma daquela universidade em que só estuda gente rica vale mais do que o daquela faculdade mais modesta? Às vezes, a culpa não é diretamente de uma pessoa, como quando as despesas aumentam e a renda permanece inalterada ou diminui completamente. Hipotecas, empréstimos escolares, despesas médicas e gastos operacionais básicos aumentam rapidamente. Eventos trágicos ou catastróficos podem arruinar décadas de investimentos inteligentes. A Bíblia nos assegura que tesouros terrestres podem ser perdidos repentinamente. A dívida pode apoderar-se rapidamente de velhos ou jovens, solteiros ou casados, e até de sábios e tolos.

A viúva em 2 Reis 4, enlutada de seu marido, que temia a Deus, foi encontrada em circunstâncias muito difíceis. O prazo se findou, e o credor veio cobrar, e ele não iria embora de mãos vazias. Dívidas

podem forçar as pessoas a fazer qualquer coisa para amenizar ou reduzir o débito. Para ela, a perda era inimaginável – perder seus filhos para a escravidão. A pressão era, certamente, insuportável. Mas foi o seu clamor que deu início ao capítulo, e foi esse clamor que chegou a Eliseu. Ele respondeu com um plano consistente, se valendo do que ela tinha disponível para quitar a dívida. De uma botija de azeite, que Deus milagrosamente preservou, ela encheu muitos outros vasos vazios. Vendendo esse estoque abundante, o profeta lhe disse para pagar sua dívida e viver do resto. Deus providenciou o azeite, e ela e seus filhos o distribuíram nos vasos. Trabalhando em conjunto, a família foi preservada.

Embora não fosse um empréstimo comum, Jacó certamente conhecia o peso, as obrigações e a carga emocional de liquidar dívidas. Depois de sair de casa e se

A única dívida perpétua que Paulo prevê para os cristãos é o amor, que deve ser pago continuamente um ao outro.

apaixonar, Jacó estava disposto e confiante em “pagar adiantado”, trabalhando sete anos antes de receber a sua noiva e se casar. Mas então ele foi enganado quando Labão trocou as filhas sob o véu do casamento. Para lucrar mais do amor de Jacó por Raquel, Labão entregou sim a filha mais nova, mas o obrigou a outros sete anos de labor. Dessa vez, Jacó estava pagando depois de possuir, e sentiu a frustração e o fardo de dever tempo e trabalho à outra pessoa. Labão também era um credor traiçoeiro que, segundo Jacó contou para suas esposas, lhe **“enganou e mudou o salário dez vezes”** (Gênesis 31:7). Jacó parecia se lembrar de todos os dias e longas noites, e relatou com detalhes expressivos a exaustiva labuta e a responsabilidade pesadíssima que sentia ao trabalhar para “saldar” sua dívida, que ainda continha taxas aparentemente ocultas e variáveis. Jacó foi astuto em enganar sua família para receber as bênçãos, mas agora cumpria obedientemente os catorze anos completos pelas filhas de Labão, mais seis pelo rebanho. Ao final, ele apreciou que Deus estava com ele em tudo isso e que **“Deus atendeu à minha aflição e ao trabalho das minhas mãos”** (Gênesis 31:42).

Alguns podem simpatizar com o jovem em 2 Reis 6. Aqui, estava um outro profeta fiel trabalhando com outros para expandir a sua

residência. Enquanto cortava uma árvore perto do rio Jordão, que era propenso a inundações, a cabeça do machado que ele estava usando caiu na água e se perdeu. O profeta trabalhador, que procurou ajudar com ferramentas emprestadas, sentiu o peso instantâneo e a ansiedade da perda irrecoverável. Sua exclamação: **“Ai! Meu senhor! Porque era emprestado”** (v. 5), expressou o clamor do coração de quem acabara de perceber que possuía uma dívida e uma obrigação para com o credor. Mais uma vez, Eliseu respondeu a esse clamor, e o ferro do machado, milagrosamente, nadou e foi recuperado. Nos três exemplos, a mão de Deus e a mão do homem são vistas trabalhando para recuperar os prejuízos.

Muitos sentem o sufoco das garras da dívida hoje. E, enquanto as causas podem variar, Deus ouve o desespero da viúva e conhece a situação difícil, o apuro do trabalhador. O mesmo homem que escreveu: **“A ninguém devais coisa alguma, a não ser o amor com que vos ameis uns aos outros”** (Romanos 13:8), ofereceu-se para pagar as dívidas, ainda que de furto, que o outrora escravo, Onésimo, devesse a Filemom. A única dívida perpétua que Paulo prevê para os cristãos é o amor, que deve ser pago continuamente um ao outro.

O Amor ao DINHEIRO

Exposição

"Sejam vossos costumes sem avareza" (Hebreus 13:5).

Para a maioria de nós, é mais fácil falar do que pôr em prática. A cobiça permeia o ar e contamina quase tudo o que tocamos ou deslizamos. Pode não parecer tão perigosa, ou até mesmo um "consumismo saudável", mas as Escrituras dizem que ela é fatal. Sob o microscópio da Palavra de Deus, vamos ver o que vem a ser o amor ao dinheiro, bem como o tratamento divinamente prescrito.

Sintomas

Fascinado por bens materiais

Acã foi infectado. As instruções do Senhor ainda estavam frescas em seu ouvido (Josué 6:17), a lei de Deus era clara (Deuteronômio 7:26), mas a confissão de Acã mostrou o que encheu e comoveu seu coração. Ouça o relato que ele contou, bem detalhado: **"uma boa capa babilônica, e duzentos siclos de prata e, uma cunha de ouro do peso de cinquenta siclos"** (Josué 7:21). O local de fabricação, a quantidade e o peso exato – os detalhes dos itens eram mais importantes do que os detalhes dos mandamentos de Deus. Não é de admirar que Acã confessa: **"vi... cobicei-os e tomei-os"**. Que detalhes me fascinam? Meu coração está ocupado com marcas, números e qualidades de materiais, ou com as belezas da instrutiva verdade divina?

Dinheiro antes de honestidade

Quando Ananias e Safira viram a devoção de Barnabé (Atos 4:36-37), eles queriam parecer tão generosos quanto ele. Como Pedro explicou, eles não tinham obrigação de vender o campo, nem de dar tudo ao Senhor (Atos 5:4). Mas para esse casal, o dinheiro importava mais do que a sua honestidade; caso contrário, eles teriam dado tudo que tinham ou teriam sido honestos sobre o que mantiveram para si. Será que o dinheiro vale mais, para mim, do que ser honesto?

Medindo a vida por possessões

Nosso Senhor advertiu: **"Acautelai-vos e guardai-vos da avareza, porque a vida de qualquer não consiste na abundância do que possui"** (Lucas 12:15). Estará a minha vida focada em adquirir coisas? Bens? Será que eu estou pensando que um novo carro, uma nova casa, um novo emprego, um novo isto ou aquilo me fará melhor? ou mais feliz? ou me trará respeito? Cristo alertou que a avareza está em ataque!

Fazendo da riqueza um objetivo

Paulo escreveu sobre aqueles **"que querem ser ricos"** (1 Timóteo 6:9). Qualquer que seja a tradução: **"querem"**, **"desejam"**, **"esperam ser"** ou **"almejam ser"**, o ponto é o mesmo: se enriquecer é um sonho ou objetivo, estou infectado. Como mordomos, somos responsáveis por usar os recursos que Ele nos confiou para Sua glória. Devemos trabalhar para comer (2 Tessalonicenses 3:10) e devemos prover para as nossas famílias (1 Timóteo 5:8), mas vamos examinar nossos motivos, diante do Senhor: cumprir essas responsabilidades é mesmo o meu objetivo ou a riqueza se tornou meu alvo? Eu desejo ser rico?

Efeitos colaterais

O amor ao dinheiro não será um problema isolado na minha vida. Ele levou Acã a roubar e a mentir (Josué 7:11). Satanás se aproveitou dele para "encher" o coração de Ananias (Atos 5:3). Paulo advertiu que querer ser abastado faz com que as pessoas caiam **"em tentação, e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína"** (1 Timóteo 6:9). Desejar ser rico leva a sonegação de impostos, jogos de azar, práticas comerciais desonestas, negligência para com as necessidades de pais – muitas vezes idosos –, familiares e irmãos em Cristo. De fato, **"o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males"** (v. 10). Quando o dinheiro se torna aquilo que controla minhas decisões, ele pode conduzir a todo tipo de pecado possível!

Prognóstico

Não é bom. O amor ao dinheiro leva a "concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína" (1 Timóteo 6:9). Assim como a Acã e sua família, como a Ananias e Safira, ele pode me destruir, e, também, meu casamento, minha família. As pessoas "se desviaram da fé e se traspassaram a si mesmos com muitas dores" (v. 10). E é improvável que essas pessoas pensassem que as coisas terminariam dessa forma.

Tratamento

Felizmente, existem medidas que os cristãos podem tomar para lidar com o contágio da cobiça.

Limite sua exposição

"Aparta-te" (1 Timóteo 6:5). Isso se refere especificamente aos falsos mestres, que **"cuidam que a piedade seja causa de ganho"** (v. 5). O evangelho da prosperidade diz: "Não se contente com os bens materiais que você tem – exija e reivindique mais de Deus". Mas o apóstolo Paulo diz que devemos nos apartar desse pensamento distorcido, porque o oposto é verdadeiro: **"é grande ganho a piedade com contentamento"** (v. 6). As coisas que ouço ou assisto alimentam meu sentido materialista ou encorajam a piedade com contentamento?

Ajuste sua aparência

"Porque nada trouxemos para este mundo e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes." (1 Timóteo 6:7-8) Estou vivendo por aquilo que eu vou deixar para trás?

Desenvolva um coração saudável

Como podemos arrancar do nosso coração desejos doentios de bens materiais? O Senhor explicou: **"onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração"** (Mateus 6:21). Portanto, para ter um coração saudável, **"ajuntai tesouros no céu"** (v. 20). Invista seu dinheiro em coisas eternas.

Tome a dose completa de suas promessas

Qual é o antídoto? **"Sejam vossos costumes sem avareza, contentando-vos com o que tendes; porque ele disse: Não te deixarei, nem te desampararei. E, assim, com confiança, ousemos dizer: O Senhor é o meu ajudador, e não temerei o que me possa fazer o homem"** (Hebreus 13:5-6). Entenda que Ele fornece tudo o que esperamos encontrar, mas não podemos encontrar nos bens materiais. Em vez de uma falsa confiança na riqueza, devemos ter uma plena confiança Nele!

Fique ativo

"Mas tu, ó homem de Deus, fuge destas coisas e segue a justiça, a piedade, a fé, o amor, a paciência, a mansidão" (1 Timóteo 6:11). Em vez de riqueza, faça desses frutos seus objetivos, e corra com toda a sua energia atrás deles.

E o plano de atividades especializado para os cristãos a quem o Senhor está confiando mais de Seus recursos financeiros é este: **"não sejam orgulhosos, nem depositem a sua esperança na instabilidade da riqueza... pratiquem o bem, sejam ricos de boas obras, generosos em dar e prontos a repartir... a fim de se apoderarem da verdadeira vida"** (1 Timóteo 6:17-19 ARA).

A advertência de Deus é inequivocamente clara: **"Sejam vossos costumes sem avareza"** (Hebreus 13:5)!



O EVANGELHO da prosperidade

Eu possuo uma Bíblia interessante. Na primeira metade, ela fala sobre um Deus cujos amigos mais queridos foram *"torturados... experimentaram escárnios e açoites, e até cadeias e prisões. Foram apedrejados, serrados, tentados, mortos a fio de espada; andaram vestidos de peles de ovelhas e de cabras, desamparados, aflitos e maltratados... errantes pelos desertos, e montes, e pelas covas e cavernas da terra"* (Hebreus 11:35-38). Um homem, chamado Jó, era particularmente apreciado por

Deus. Sua história é contada com detalhes excruciantes; ele perdeu sua saúde, sua riqueza e tudo mais (exceto sua esposa e alguns amigos duvidosos) que ele estimava.

Chocado? Bem, como eu disse, essa é apenas a primeira parte do livro. O leitor diligente descobrirá que a segunda metade parece ainda mais improvável! Nela, o principal mensageiro desse Deus, o arauto apostólico Paulo, experimentou uma vida semelhante: *"em trabalhos... açoites... prisões... perigo de morte, muitas vezes"* (2 Coríntios 11:23). Em sua autobiografia, ele

lembrou: *"Recebi dos judeus cinco quarentenas de açoites menos um; três vezes fui açoitado com varas, uma vez fui apedrejado, três vezes sofri naufrágio, uma noite e um dia passei no abismo; em viagens, muitas vezes; em perigos de rios, em perigos de salteadores, em perigos dos da minha nação, em perigos dos gentios, em perigos na cidade, em perigos no deserto, em perigos no mar, em perigos entre os falsos irmãos; em trabalhos e fadiga, em vigílias, muitas vezes, em fome e sede, em jejum, muitas vezes, em frio e nudez"* (2 Coríntios 11:24-27). Que vida!

E ousaria eu mencionar a parte principal desse livro impressionante? Que esse Deus, de acordo com Seu *"determinado conselho"* (Atos 2:23), enviou Seu próprio Filho, das indescritíveis riquezas e glória de um trono eterno, para baixo, imergindo-O em um mundo sombrio e caótico de rebelião e pecado. Um mundo (minha mente não consegue compreender isso!) em que o Rico se tornou *"pobre"*, onde o Amado foi *"desprezado e rejeitado"*, onde a falta de um lar e a pobreza, a solidão e a reprovação, se tornaram Sua experiência diária. E, ao final, zombado, condenado e odiado por todos, o Homem chamado Jesus foi executado, em vergonha e sangue na cruz de um criminoso. De fato, que livro!

Mas parece que entendemos tudo errado; uma nova mensagem agora abre caminho para milhões de pessoas que a abraçam com

vontade. Você já ouviu? Deus quer que sejamos felizes! Deus quer que tenhamos saúde! Deus quer que sejamos ricos! Além disso, Deus quer que Seus mensageiros sejam milionários engravatados, acomodados em mansões elegantes, que pilotam jatos particulares, adorados em grandes arenas, se esbanjando com todo o luxo que um coração hedonista poderia desejar. E se você torcer e contorcer a Bíblia Sagrada até que vire algo parecido com um pretzel, você pode, crente no engano diabólico, até afirmar que tudo isso é baseado "no que a Bíblia realmente quer dizer".

Certamente, o contraste entre essa nova religião e o que a Bíblia realmente diz não poderia ser mais forte. A piedade verdadeira e a avareza gananciosa não têm nada em comum. E aquilo que é chamado de "Evangelho da Prosperidade" é uma armadilha demoníaca, que engana milhões na busca de aquisição material, em vez de proclamar o recebimento de perdão e vida eterna. Ele promete tudo, mas não entrega nada. Os pobres ainda são pobres, os doentes ainda estão doentes e, tragicamente para a maioria, os perdidos ainda estão perdidos. Não há nenhuma "prosperidade"; não há nenhum "evangelho".

A história do movimento "Saúde e riqueza" é interessante, mas irrelevante; vem do inferno e destrói aqueles que o abraçam. Os detalhes biográficos dos seus líderes nós

não conhecemos; em resumo, são mensageiros de Satanás e enganadores da mais alta ordem. Paulo os qualifica como **"inimigos da cruz de Cristo. O fim deles é a perdição, o deus deles é o ventre, e a glória deles é para confusão deles mesmos, que só pensam nas coisas terrenas"** (Filipenses 3:18-19). Suas teorias são destruídas por uma única fala do Senhor Jesus Cristo: **"Que aproveitaria ao homem ganhar todo o mundo e perder a sua alma?"** (Marcos 8:36).

Ao invés de insistirmos em teorias humanas, vamos ouvir as palavras do humilde Cristo:

"Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino dos céus; bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados; bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra; bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos; bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia; bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus; bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus; bem-aventurados os que sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o Reino dos céus; bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa" (Mateus 5:3-11).

Então, é errado querer boa saúde?

Não, mas um desejo pela vontade de Deus e pela glória de Deus em minha vida é infinitamente mais importante. É errado ter riqueza? Não, pois Deus mesmo a concede de vez em quando, embora, muitas vezes, ela ainda pareça insatisfatória e vazia aos nossos olhos (Eclesiastes 2:8-11). Mas o ponto crucial do cristianismo e da vida cristã é bastante simples: de que maneira posso trazer melhor glória a Deus? Como posso ser plenamente moldado à imagem do Seu Filho? (1 Coríntios 10:31; Romanos 8:29; 12:2). Dinheiro e saúde podem ser utilizados para esse fim, mas dificilmente serão necessários; de fato, na maioria das vezes, especialmente no caso de dinheiro, ele dificulta bem mais do que ajuda.

A impressionante mensagem da Bíblia é contrária a toda sabedoria humana; opõe-se a toda inclinação carnal. Tome a sua cruz (Lucas 9:23). Morra para si mesmo (Romanos 6:6). Seja servo de Cristo (1 Coríntios 7:22). Seja fraco (2 Coríntios 12:9). Seja o último (Mateus 20:16). Entregue tudo (Romanos 12:1). Perca sua vida (Marcos 8:35).

Essa é a verdadeira saúde; isso é riqueza de verdade. Essa é a moeda do céu, a mais sincera de suas alegrias e recompensas. Que Deus nos desvie de **"fábulas artificialmente compostas"** para abençoados e fiéis apreciadores do Seu propósito para nós – agora e no mundo vindouro.

A lepra da GANÂNCIA

Naamã estava de malas prontas para partir em direção à Samaria.

Sua bagagem incluía alguns objetos pesados – quase quinhentos quilogramas de prata e ouro. Ele estava mais do que disposto a dar tudo como pagamento pelo milagre de que precisava desesperadamente e que esperava receber de Eliseu, um profeta do Senhor.

Na chegada, Naamã recebeu algumas instruções bastante incomuns do servo de Eliseu, ordenando que ele mergulhasse sete vezes no lamacento rio Jordão para que fosse curado. Surpreendentemente, nenhuma demanda financeira foi exigida ou sequer discutida; mas apenas foram dadas simples instruções sobre como Naamã poderia ser purificado da sua lepra. Inicialmente furioso com a recusa de Eliseu em, pelo menos, mostrar seu rosto ou fazer sinais com a mão sobre as partes leprosas de seu corpo, por fim, Naamã obedeceu à palavra do profeta, e sua cura foi instantânea.

Retornando à casa do profeta com um corpo limpo e um coração agradecido, Naamã estava pronto para pagar. Diante de Eliseu, ele disse: **"Eis que tenho conhecido que em toda a terra não há Deus, senão em Israel; agora, pois, te peço que tomes uma bênção do teu servo"** (2 Reis 5:15). Mas o profeta recusou o pagamento – a graça de Deus é gratuita. Eliseu não queria que Naamã voltasse para casa pensando que havia comprado o poder salvador de Deus.

Mas a história – uma de nossas favoritas para pregação do evangelho – ainda não terminou. Geazi, servo de Eliseu, já estava fazendo planos de como ele poderia pôr as mãos no dinheiro. Esperando até que Eliseu e Naamã fossem cada um para um lado, Geazi correu atrás da comitiva de Naamã e encenou sua trama, criada às pressas. Ele disse a Naamã que Eliseu o enviara com a seguinte mensagem: dois jovens profetas haviam acabado de chegar de Efraim e precisavam de prata e de roupas. Naamã, de bom grado, mandou seus próprios servos transportarem os pesadíssimos presentes até os arredores da casa de Geazi. Geazi mandou os moços embora e levou os itens para dentro. Parecia que seu plano havia funcionado perfeitamente.

Após voltar ao seu mestre, Eliseu perguntou-lhe: **"De onde vens, Geazi?"** Ele respondeu com uma mentira direta: **"Teu servo não foi nem a uma nem a outra parte"**. Mas Eliseu sabia de tudo e contou a Geazi tudo o que ele havia feito. Geazi deveria saber que mentir para um profeta a quem o Senhor revela as coisas era inútil. A triste história termina com o pronunciamento da sentença de Geazi: **"Portanto, a lepra de Naamã se pegará a ti e à tua semente para sempre"** (v. 27).

A história destaca uma série de lições importantes, as quais faríamos bem em considerar com cuidado.

Um único mestre

O Senhor Jesus Cristo nos instruiu que servir a Deus e ao dinheiro é impossível (Mateus 6:24). O discurso de Geazi deu a impressão de que ele servia a Eliseu e, portanto, servia a Deus, mas suas atitudes gananciosas revelaram a realidade de que ele era, na verdade, um escravo do dinheiro. As consequências de um comportamento como esse se estendem para muito além desta vida. Sem mencionar a preocupante perspectiva de ter de prestar contas ao Senhor por mentiras, hipocrisia e outros pecados que podem acompanhar a ganância, nós, assim como Geazi, deixaremos de acumular tesouros no céu enquanto o dinheiro for nosso mestre. Geazi pode ter armazenado o tesouro roubado em sua morada terrestre, mas, ao fazê-lo, perdeu uma oportunidade de acumular tesouros em uma habitação celestial (Mateus 6:19-21). Ele escolheu servir ao mestre errado. **É Deus ou dinheiro; não dá para ser os dois.**

O poder da racionalização

Uma vez que permitimos que a ganância nos domine, não há fim para onde isso nos levará. Geazi pode ter racionalizado seu comportamento de várias maneiras. Talvez ele tenha dito a si mesmo que Naamã, que já havia invadido e roubado dos judeus por diversas vezes, deveria devolver uma parte da riqueza que acumulou indevidamente. Talvez ele tenha racionalizado que Eliseu estava impedindo Naamã de expressar sua gratidão. Afinal, não é apropriado que Deus seja reconhecido com tal presente? Ou talvez, numa atitude mais descarada, ele se atreveu a acreditar que Naamã lhe devia algo, por qualquer papel que ele tivesse desempenhado em sua cura milagrosa. A mentira posterior de Geazi fez Naamã pensar que ele havia ajudado dois profetas que estavam realmente necessitados. O que há de tão errado nisso? O poder da racionalização para transformar a ganância (ou qualquer pecado) em um comportamento aceitável é assustador! Não é de admirar que o Senhor Jesus Cristo tenha nos alertado: **"Acautelai-vos e guardai-vos da avareza"** (Lucas 12:15).

A lepra da ganância

No final da história, Naamã e Geazi trocaram de lugar. O pagão que se humilhou para obedecer à palavra de Deus, dita por meio de Eliseu, encontrou cura. O servo que desrespeitou a palavra de Deus dita por meio de Eliseu recebeu um julgamento. Ironicamente, as palavras de Geazi se provaram tão proféticas quanto as palavras de seu mestre costumavam ser. Ele disse a si mesmo: **"Tão certo como vive o Senhor,**

que hei de correr atrás dele [Naamã] e tomar dele alguma coisa” (2 Reis 5:20). Mas o que ele recebeu foi muito além do que ele esperava. Geazi pode ter obtido apenas uma fração da riqueza de Naamã, mas levou toda a sua doença! De fato, um dos efeitos da lepra, a perda de sensibilidade, se apegaria a Geazi pelo resto de seus dias. Ele já havia permitido que a ganância o tornasse insensível à palavra de Deus.

Em nossas buscas egoístas de acumular riqueza a qualquer custo, podemos obter coisas que nem imaginávamos. Embora possamos aproveitar das riquezas terrestres nesse processo, a ganância, como a lepra, se apegamos a nós e nos torna cada vez mais insensíveis à Palavra de Deus, ao Espírito Santo e ao fato de estarmos dominados pelo pecado. É necessária uma atitude drástica para nos salvar da lepra da ganância: *"Mortificai, pois, os vossos membros que estão sobre a terra: ...a avareza, que é idolatria"* (Colossenses 3:5).

*É necessária uma atitude drástica
para nos salvar da lepra da ganância.*

A próxima geração

As consequências do comportamento de Geazi foram hereditárias:

"Portanto, a lepra de Naamã se pegará a ti e à tua semente para sempre" (2 Reis 5:27). Sua cobiça, como a de Acã (Josué 7:24-26), afetou as gerações futuras, provando serem verdadeiras as palavras de Provérbios 15:27: *"O que se dá à cobiça perturba a sua casa"*. Os efeitos, para as gerações posteriores, de qualquer pecado, incluindo a ganância, são devastadores. Os pais salvos que demonstram um comportamento avarento não devem esperar que seus filhos sejam imunes às ramificações. Muitas vezes, o comportamento é perpetuado ou, tragicamente, faz com que as crianças abandonem os princípios das Escrituras por causa da hipocrisia que testemunharam. A lepra da ganância é desastrosa.

Na próxima vez em que você for tentado a obter um lucro injustamente, lembre-se da história de Geazi. *"Melhor é o pouco com justiça do que a abundância de colheita com injustiça"* (Provérbios 16:8).



Consumismo

Nós acumulamos “coisas” por diversos motivos

Significância

Bens materiais se transformaram em símbolo de status na cultura ocidental. Você é julgado pelo que você tem e não pelo que você é. O tamanho da sua casa, o modelo do seu carro, a marca da sua roupa, o seu celular, dentre outras coisas, se tornaram coisas importantes para muitas pessoas. São coisas que dão significado e valor. Sem isso, a vida não tem sentido.

Nós estamos cercados (na verdade inundados) de todo tipo de mensagem. Elas sugerem que o nosso valor como seres humanos está associado ao produto que consumimos. As propagandas apelam para todo tipo de emoção que temos e utilizam todo tipo de estratégia possível. Tudo isso para

nós, consumidores, pensarmos que precisamos do produto A ou B para nos sentirmos realizados.

Melhorar a sua condição de vida não é um mal em si mesmo. Isso se torna um mal a partir do momento em que passa a ser o seu objetivo principal na vida. O dinheiro é uma ótima ferramenta, mas um péssimo deus. Nosso Senhor Jesus Cristo nos ensinou a respeito das coisas materiais e do valor delas. Suas parábolas e Seus ensinamentos, principalmente em Lucas, frequentemente abordam os perigos do materialismo (Lucas 10:1-4, 30-36; 12:13-21; 23-31; 16:1-13; 18:18-27, apenas para mencionar alguns). Paulo também nos ensinou, por meio do Espírito Santo, que devemos trabalhar para poder

repartir o que temos com os mais necessitados (Efésios 4:28). Se o que você adquirir não puder ser utilizado de forma alguma em prol do Senhor, então você precisa questionar o valor desse bem, tendo em vista a eternidade.

Satisfação

Acho que todos nós concordamos que o dinheiro não traz felicidade. Mesmo assim, nós ainda achamos que um carro novo, uma casa, uma nova decoração para a sala, uma viagem ou roupas novas nos trarão satisfação. As propagandas se aproveitam disso para reforçar essa mensagem, nos dizendo que a felicidade está ao seu alcance e que basta que façamos um telefonema. Essa viagem dos sonhos te trará uma felicidade maior do que você é capaz de imaginar! A compra desse item te proporcionará horas de entretenimento e prazer sem fim!

Todos nós (se formos honestos com nós mesmos, é claro) somos capazes de confessar que já nos decepçamos ao comprar algo que achávamos que nos traria satisfação. Fomos lá e compramos, mas... ele não nos satisfaz. Viajamos para aquele lugar, mas o prazer que obtivemos foi bastante limitado.

A cultura do consumo nos ensinou a descobrir a nossa identidade e nosso propósito por meio da aquisição de bens materiais. Nos contaram que podemos expressar a nossa individualidade por meio daquilo que possuímos. As propagandas nos dizem que o caminho da felicidade está na compra de bens de consumo. Relacionamentos e valores morais ficam fora desse cálculo.

Segurança

Ter "coisas" é uma forma que muitos têm de se sentirem seguros. Não é somente aquele dinheiro no banco, aquela poupança gorda para a aposentadoria ou aquela tecnologia de ponta, e sim a própria acumulação de bens materiais que nos fornece essa sensação falsa de controle e permanência. Mesmo com tantos produtos disponíveis para consumo, nunca houve época alguma em que a insegurança fosse tão endêmica quanto é nos dias de hoje.

Consolo

Talvez o mais estranho de tudo isso é que existem pessoas que vão às compras quando estão se sentindo deprimidas. Se as coisas não estão indo bem, então basta comprar algo novo. Seja por conta da sensação de controle e de fortalecimento que o ato de comprar algo traz ou por quaisquer outras razões, o fato é que comprar algo se tornou a nova "zona de conforto" de muitas pessoas. Isso talvez esteja ligado à mensagem subliminar que diz que a felicidade está em ter e conseguir coisas. Se for o caso, então a estratégia de marketing deu mesmo certo.

Dano colateral

Há muito mais em jogo do que a simples acumulação de coisas inúteis. O consumo excessivo traz consequências seríssimas para a obra do Senhor e para a condição da alma e da mente do cristão.

Recursos que poderiam ser utilizados para a obra de Deus acabam sendo gastos em coisas

supérfluas, para satisfazer o ego. Não há nada de errado com a cozinha nova que você montou. Não há nada de errado em comprar um novo computador ou um novo carro. Todas essas coisas podem ser utilizadas em prol do Senhor e podem acabar sendo uma bênção para a igreja e para o povo de Deus. É aí que mostra o segredo: será que posso usar isso que estou comprando para o Senhor e Seu povo? Quando eu gasto dinheiro só para ter algo novo e me sentir bem comigo mesmo ou compro algo para me sentir mais “importante” perante os meus vizinhos (ou outros crentes), isso significa que caí na armadilha do egocentrismo. A maioria de nós tem uma visão muito limitada do quanto custa servir ao Senhor em uma terra estrangeira. Quantos de nós têm a mais vaga ideia a respeito do valor do orçamento médio de um evangelista, cujos gastos envolvem o aluguel de salas, a impressão de folhetos e até mesmo a locomoção? Executar a obra do Senhor é algo muito caro, tanto para os que fazem a obra por aqui quanto para aqueles que trabalham em países estrangeiros. Ah, vale lembrar que além de tudo eles também pagam aluguel e contas domésticas, assim como você. Morar em um país de terceiro mundo nem sempre significa ter contas baratas. É preciso dizer também que o crescente endividamento dos mais jovens tem sido um enorme obstáculo para a participação deles na obra do Senhor. Você vai lá e se forma na faculdade já endividado, por conta das mensalidades. Daí precisa ter um emprego que

pague bem, para conseguir sanar suas dívidas. Em seguida, vem o casamento, a compra de um imóvel e, é claro, os gastos do dia a dia. A possibilidade de abandonar um emprego bem remunerado é bem pequena, dado o tamanho da dívida. Participar da obra do Senhor é algo que você nem cogita, já que a sua cabeça está mais preocupada com os afazeres do trabalho e do dia a dia. O que importa para você é pagar a sua dívida.

É trágico, mas a acumulação de bens materiais não nos deixa mais seguros e nem mais importantes. Na verdade, acaba nos transformando em pessoas ansiosas e inseguras. Nós fazemos perguntas como “Será que eu consegui o melhor preço naquele carro?” ou “Será que esse é o computador certo para eu comprar?” A gente acabou de fazer a compra daquele aparelho legal, moderno e bacana quando de repente vem um amigo e nos diz que nós deveríamos ter comprado um modelo diferente. As páginas de dicas para os consumidores nos dizem que existem escolhas melhores. O resultado disso é que toda compra que fazemos é contaminada por uma sensação de incerteza e medo, pois não queremos fazer a escolha errada. Ainda assim, optamos por continuar consumindo e acumulando. A quantidade imensa de opções disponíveis, por si só, já nos causa uma sensação de incerteza e desconforto, durante o processo decisório de compra. A vida do homem não consiste na quantidade de coisas que ele possui!

Consequências

Uma cultura que se baseia na gratificação instantânea e na ideia de “eu tenho direito a ter coisas” é uma cultura que será arruinada pelas dívidas. Muitos acham que possuem “direito” a ter certas coisas, mesmo que não possam pagar por elas. Fique atento e você logo verá como as propagandas tentam nos passar a ideia de que “merecemos” algo... uma viagem, um carro ou um computador novo ou até mesmo um sanduíche do McDonald’s.

Junte a ideia de “eu tenho direito a ter coisas” com a ideia de gratificação instantânea e você tem a receita perfeita para que as pessoas sintam que devem ter todas as coisas para já, mesmo que não possam pagar por elas. A solução do problema? O cartão de crédito, é claro! Algumas dívidas são praticamente inevitáveis: dívidas estudantis da faculdade, hipotecas de uma casa nova, prestação do carro, dentre outras. Só que você deve se lembrar que gerenciamento responsável significa não fazer dívidas que você não possa pagar. Viva de acordo com o seu orçamento.

Talvez você esteja lendo tudo isso lamentando que não tem como bancar a compra daquele carro novo, daquele computador legal ou da reforma da sua cozinha. Isso ou então você está lendo este capítulo e rindo, afinal você não está na mesma situação dessas pessoas. Você talvez pense que está imune à areia movediça do consumismo. Não se engane: na verdade, o consumismo te infectou

também. Ele infectou e nos infecta todos os dias, em nossas atitudes e na nossa forma de pensar.

Buscando o equilíbrio

Achar o equilíbrio em um mundo desequilibrado é uma tarefa muito difícil de ser executada. Nós precisamos das coisas essenciais: casa, transporte, comida, roupas, etc. O testemunho cristão exige que façamos o melhor que podemos para ter uma casa arrumada e em bom estado, que usemos roupas apropriadas e adequadas à ocasião e que paguemos por nossos gastos e por nossas dívidas. O objetivo deste capítulo não é fazer com que todos voltem a viver como no tempo das cavernas, vestindo roupa de peles e andando somente a cavalo. Nós vivemos em uma sociedade e precisamos nos adequar a ela, ainda que sem abrir mão de nossos valores. Só que as nossas prioridades não precisam ser as mesmas dos nossos vizinhos. Será que eu preciso mesmo de três casas, uma na serra, uma na praia e uma na cidade? Será que eu preciso mesmo ter o carro mais caro e luxuoso que existe?

Nós precisamos combater o nosso senso de insignificância e insegurança utilizando a maior arma que temos, nosso relacionamento espiritual com o Senhor. O dinheiro deve ser o nosso servo e não o nosso deus. Por último, devemos lembrar sempre que não se mede a vida tendo como régua as coisas que nós possuímos.

Contribuindo

Deus é o grande Doador. Ele não mediu esforços para remediar nossa maior necessidade (João 3:16), e as riquezas do Senhor Jesus foram voluntariamente renunciadas em nosso benefício (2 Coríntios 8:9). Como portadores de Sua imagem, um relacionamento mais profundo com Deus e uma apreciação cada vez maior de Seus interesses nos levarão a refletir sobre esse aspecto de Seu caráter. O grande empreendimento do evangelho, deixado para a igreja, precisa de doadores! De fato, toda oferta é um reconhecimento de sua própria fonte em Deus, e essas expressões práticas da atuação divina em nossa vida podem assumir muitas formas; mas estes artigos são sobre dinheiro. Será que o meu e o seu dinheiro estão disponíveis para a obra de Deus?

Princípios para ofertar

O primeiro e o melhor

Abel foi o primeiro a fazer uma oferta aceitável. Ele deu o primeiro e o mais gordo do seu rebanho. Abraão deu a Isaque, seu primeiro e único, ilustrando que não havia nada que ele não daria a Deus. Exemplos como esses destacam que qualquer contribuição é, em primeiro lugar, para o Senhor, além de ser um ato de fé naquele que deu todas as coisas em primeiro lugar (1 Crônicas 29:14), e de que Ele continuará a suprir todas as nossas necessidades no futuro (Filipenses 4:18-19).

Constantes e Dispostos

Ofertas regulares e voluntárias fizeram parte da construção do tabernáculo (Êxodo 35:21-29). A generosidade demonstrada durante a edificação do tabernáculo levou Moisés a instruí-los a parar, em razão do muito que já havia sido dado (Êxodo 36:6). Os coríntios foram instruídos a contribuir regularmente (1 Coríntios 16:2) e que isso deveria ser feito com o coração disposto (2 Coríntios 9:5).

Ofertando – quanto?

Sob a lei mosaica, o povo trazia um dízimo (10%) de sua renda para os levitas, anualmente. O dízimo era fornecido como salário pelo ministério prestado por eles na tenda da congregação. Mas isso não era, de forma alguma, uma limitação, pois havia muitas outras ofertas que eram dadas por devoção a Deus. O ensino de Paulo aos coríntios foi semelhante. Eles deveriam contribuir generosa e alegremente, na medida das suas possibilidades financeiras, mas também além delas (2 Coríntios 8:3-4). Não há uma receita acerca de quanto

devemos dar, mas essas e outras passagens das Escrituras mostram que o princípio do dízimo (não necessariamente 10%, mas uma determinada quantia) ainda é um bom guia para nós. Deve-se tomar, em oração, uma decisão razoável, que leve em consideração sua renda e necessidades básicas, daquilo que será regularmente comprometido ao Senhor. Essa deve ser a base sobre a qual nossa generosa e alegre oferta, ainda que além de nossos meios, deve permanecer. O Senhor conhece a nossa situação financeira e leva em conta nosso sacrifício por Ele. A quantidade que damos pode parecer insignificante, mas o almoço de um rapaz, na mão do Senhor, alimentou milhares. Maria certamente poderia ter dado apenas um pouco do seu perfume, mas ela, adorando, derramou tudo em devoção ao Senhor.

Ofertando – a quem?

Aos líderes espirituais

O serviço espiritual deve receber uma resposta física. O sacerdote que ministrava em nome do povo dentro do sistema levítico recebia a carne da oferta por suas necessidades físicas e familiares. Da mesma forma, Paulo ensina que aqueles que nos ministram espiritualmente devem ser recompensados financeiramente (1 Coríntios 9:13). Ele fala disso em vários contextos e inclui não apenas os que trabalham no evangelho e no ensino, mas também os anciãos que assim o fazem (1 Timóteo 5:17). A saúde espiritual de Israel estava ligada ao sustento dos levitas. Os reavivamentos nos dias de Ezequias e Josias começaram com coletas para o tesouro do templo. A reforma de Josafá foi trazida pelos levitas que haviam sido enviados para ensinar (2 Crônicas 17). Uma das acusações feitas por Deus ao povo nos dias de Malaquias incluiu um chamado para trazer ofertas (Malaquias 3:10). A lição é clara: se quero que a obra de Deus avance, preciso apoiar, com generosidade, os que trabalham com a Palavra de Deus. Além disso, quando sou abençoado espiritualmente, sou responsável por responder com uma contribuição material. Saul não procuraria a ajuda de Samuel para encontrar as jumentas perdidas, sem antes garantir que ele tivesse uma bênção física para dar por qualquer ajuda que Samuel desse. Estou sobrecarregado com o estado espiritual do meu país? Da minha igreja local? Precisamos orar, mas também somos instruídos a ofertar!

Aos pobres e necessitados

As Escrituras estão repletas da nossa responsabilidade para com os pobres e necessitados. A lei mosaica previa meios para garantir o cuidado deles. Os apóstolos faziam questão de cuidar das viúvas (Atos 6; 1 Timóteo 5) e recomendaram a Paulo que se lembrasse dos pobres (Gálatas 2:10), o que ele procurou fazer diligentemente. Espera-se de nós, também, o cuidado do estrangeiro. Tiago considerava uma vida cristã sem cuidado para com as viúvas, órfãos e famintos, sem valor e

morta (Tiago 2:15-16). Nossa prontidão em atender às necessidades dos nossos irmãos cristãos e às carências da comunidade em que vivemos é uma oportunidade de mostrar o caráter de Deus em nossa vida, além de ser um apoio integral à propagação do evangelho.

Ele compara nossas ofertas a sementes; se semeamos com moderação, não podemos esperar uma colheita grande, por isso precisamos semear em abundância.

Considerações práticas

Como eu posso dar alguma coisa, ou, ainda, dar mais do que posso? Talvez você seja um estudante endividado. Ou talvez um casal lutando para pagar as contas. Lembre-se, Deus conhece suas necessidades. Todos nós podemos nos beneficiar de uma consideração cuidadosa, em oração, dos nossos gastos. Podem ser tomadas decisões que envolvam sacrifício pessoal para o benefício do reino de Deus. Pode significar não tomar um café na rua, ou não comer num restaurante, para contribuir com o reino de Deus. Pode significar uma casa menor e um carro mais velho, mas nosso Senhor é quem notou as duas pequenas moedas da viúva, e o mesmo que atendeu às necessidades da viúva de Sarepta, nos dias de Elias (Lucas 21:1; 4:26). Ofertar é um comportamento que se aprende. Nós temos a natureza de querer receber, portanto os pais devem ensinar seus filhos a querer dar. Ensine a igreja local em que você se reúne a contribuir. Dê dinheiro a outros para repassarem à obra do Senhor e, ao fazê-lo, ensine-os a dividir a parte do Senhor da sua renda.

Deus não precisa de nós para dar. Como já foi dito, todas as ofertas vêm de Sua mão abundante, e Ele não precisa de nós para ajudá-lo. No entanto, Ele nos ordena a contribuir, para que possamos ser como Ele e sermos companheiros Seus em Seu propósito. Ele compara nossas ofertas a sementes; se semeamos com moderação, não podemos esperar uma colheita grande, por isso precisamos semear em abundância (2 Coríntios 9:6). Ele está nos convidando, querendo compartilhar conosco a alegria de dar, de ofertar, de contribuir. O Senhor Jesus ensinou a Paulo algo que todos os que ofertam aprenderam: **"Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber"** (Atos 20:35).



Contentamento

Aconselhar o povo de Deus a se contentar em um mundo de coisas atraentes não é algo fácil. Felizmente, um homem mais capacitado escreveu palavras mais sábias sobre o assunto! Em Provérbios 30, Agur, filho de Jaque, se inclina diante de Deus e diz tudo o que espero conseguir expressar aqui com minhas mil palavras. Ambição egoísta e ganância se opõem ao contentamento. São pecados graves que aprisionam muitos crentes. Seus ardis matam de fome nosso contentamento, alimentam nosso orgulho e desonram a Deus.

Como dardos, eles perfuram nosso testemunho e envenenam nossa comunhão com os outros. A oração de Agur é um escudo profundo e sábio contra tais males:

"Duas coisas te pedi; não mas negues, antes que morra: afasta de mim a vaidade e a palavra mentirosa; não me dês nem a pobreza nem a riqueza; mantém-me do pão da minha porção acostuada; para que, porventura, de farto te não negue e diga: Quem é o Senhor? Ou que, empobrecendo, venha a furtar e lance mão do nome de Deus" (Provérbios 30:7-9).

A cultura ocidental incentiva e recompensa a alma ambiciosa, e não é pecado algum buscar ganhos honestos. Afinal, as formigas e os coelhos são elogiados pelos seus investimentos (Provérbios 30:25-26). Entretanto, diretores corporativos e influenciadores de mídias sociais podem alimentar uma atitude doentia e ímpia em seus seguidores. Muitos tentam nos convencer de que a felicidade são alguns dólares a mais, um título, um novo truque para progredir ou um remédio não descoberto para os problemas da vida. “Vá atrás”; “Seja único”; “Tente isso”; “Basta clicar aqui”; “Seja o melhor de você mesmo”. Mas Agur exclama: “Mantenha essas vaidades e palavras mentirosas longe!”. O socorro divino, para rejeitar um estilo de vida competitivo, de sempre nos superarmos e de nos comparar aos outros, faz parte de seu pedido. É uma oração difícil para alguns. As vaidades e as mentiras são contadas para impressionar e menosprezar os outros ou enganá-los para ganho pessoal. Vaidades, ou palavras fraudulentas, são histórias cheias de orgulho, contadas para manipular os outros. Não podem levar a uma vida de contentamento espiritual, nem podem caracterizar um cristão. Onde, então, o sábio de Provérbios 30 encontra seu contentamento? Em confiança e dependência de Deus, somente em Deus. O Senhor Jesus Cristo disse: ***"Vinde a mim,***

todos os que estais cansados e oprimidos, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo, e aprendei de mim, que sou manso e humilde de coração, e encontrareis descanso para a vossa alma. Porque o meu jugo é suave, e o meu fardo é leve" (Mateus 11:28-30). Deixando de lado a ambição egoísta, Agur ora pelo que Deus sabe que ele precisa, não pelo que ele quer para si mesmo. O contentamento espiritual evita tanto a busca ascética pela pobreza quanto a voraz acumulação de riqueza. Pedir apenas ***"o pão que me for necessário"*** é contrário aos nossos instintos e é inconveniente para aqueles que vivem o cristianismo da “Oração de Jabez” (1 Crônicas 4:10). Em vez disso, peça a Deus as coisas imediatas e práticas que Ele sabe serem melhores para o nosso bem espiritual, pois Ele é capaz. Séculos após a oração de Agur, o Senhor Jesus explicou como é a economia do céu no Sermão da Montanha. Podemos imaginar Agur concordando com a cabeça, caso estivesse lá: ***"Porque onde estiver o vosso tesouro, aí estará também o vosso coração"*** (Mateus 6:21). O verdadeiro contentamento em Deus e na pessoa de Cristo não é um prêmio de consolação pelos tesouros terrestres perdidos. O Senhor Jesus veio para nos dar uma vida mais abundante, plena e satisfatória, Nele (João 10:10). Ele é o tesouro que dá sentido a tudo

e atende a todas as necessidades. Portanto, se você está procurando satisfação, busque primeiro o Reino de Deus. Tesouros materiais ficarão aqui, e Deus sabe que você precisa de todas essas coisas. Ele sempre soube e sempre se importou. E Ele sempre satisfaz.

Agur continua sua extraordinária e autoconsciente súplica e atinge nossas fraquezas de cima e abaixo. Riqueza abundante sem piedade pode gerar uma falsa segurança, além de autoestima. Considere o orgulho de Faraó, que disse, com o nariz empinado: **"Quem é o Senhor, cuja voz eu ouvirei, para deixar ir Israel?"** (Êxodo 5:2).

Ou, então, lembre-se da palavra de Deus para o rico fazendeiro: **"Louco, esta noite te pedirão a tua alma, e o que tens preparado para quem será?"** (Lucas 12:20).

Agur sabia que muitos que possuem riquezas também têm lembranças curtas, e que qualquer coisa que o leve a negar o Senhor também conduz à ruína espiritual. As vidas do orgulhoso Faraó e do fazendeiro rico terminaram em vão, e eles deixaram suas riquezas apodrecidas para trás. Agur não queria riquezas, se isso significasse perder a Deus.

Pela misericórdia de Deus, confesso que nunca estive em situação de verdadeira pobreza. E perdoe minha tolice, mas parece que o estresse gerado por um estômago vazio consome nosso contentamento em Deus mais certamente do que riqueza. **"Me**

preserva de não ter nada", roga Agur, **"para que eu não peque por necessidade"**. Na época de Eliseu, no cerco de Samaria pelo rei da Síria, o povo agiu de maneira incompreensível (2 Reis 6-7). Eles comeram esterco de pomba. Eles comeram seus próprios filhos! Eles questionaram a promessa de Deus a Eliseu, negaram Sua capacidade e, abatidos, zombaram de Seu nome. Pelo menos um morreu por desrespeitar a promessa de Deus (2 Reis 7:17). Uma cena tão triste não traz prazer a Deus, nem deleite ao Seu povo. O medo pelas necessidades básicas pode fazer alguém roubar ou até matar para sobreviver. A sabedoria de Agur assegura que aqueles que dependem totalmente de Deus nunca serão deixados a essa situação de desespero, e ele está certo. Com otimismo e temor, confiamos nele para o nosso futuro.

Enquanto olhava para trás, Agur suplicou para que pudesse continuar vivendo o tempo que ainda tinha para viver totalmente satisfeito apenas com Deus. Assim como ele, esperamos encorajar os cristãos com a Palavra de Deus: primeiro, esteja satisfeito Nele. Depois, como Agur, deseje **"o pão que me for necessário"** em vez das coisas que você deseja. Confie em Deus para definir o caminho. E, acima de tudo, descanse na obra do Senhor Jesus Cristo e busque a Sua justiça em primeiro lugar. Então tudo mais será acrescentado a você (Mateus 6:33).

A vida financeira de CRISTO

A falta de dinheiro

O fato de a Bíblia fornecer poucas informações sobre o Senhor Jesus lidando com dinheiro é simplesmente porque Ele tinha pouco.

Ele nasceu na família real dos judeus, na linhagem do rei Davi. No entanto, no Seu nascimento, Maria **"envolveu-o em panos, e deitou-o numa manjedoura"** (Lucas 2:7). Se tivesse nascido durante o reinado de Salomão, teria sido recebido com riquezas incomensuráveis. Em vez disso, Cristo, o Rei, nasceu em uma família da classe trabalhadora, um humilde carpinteiro e sua jovem esposa, que estavam a 145 quilômetros de casa. Assim, Ele teve de ser colocado em um cocho para animais, em vez de um berço ou cama, como todo mundo.

Sua renda

Após o nascimento de Jesus, José, **"o carpinteiro"** (Mateus 13:55), interrompeu seus negócios em Nazaré e fugiu com Maria e o Senhor Jesus para o Egito. Quando eles voltaram, José retornou ao seu ofício, e ele e Maria tinham pelo menos mais seis filhos. Se José tivesse morrido jovem, Jesus teria assumido a responsabilidade por Sua mãe e seis meio-irmãos. Mais tarde, as pessoas perguntaram acerca dele: **"Não é este o carpinteiro?"** (Marcos 6:3). Tendo uma forte ética de trabalho, Ele trabalhou com madeira e pedra, fornecendo o **"pão de cada dia"** para Sua família.

Sua carteira

Certa vez, O Senhor Jesus disse aos discípulos: **"Aquele que tiver bolsa, tome-a"** (Lucas 22:36). No entanto, Ele mesmo nunca teve uma. Quando Ele quis uma ilustração da imagem de César em uma moeda, Ele não tirou uma de alguma sacola de dinheiro pessoal. Em vez disso, Ele disse aos outros: **"Mostrei-me uma moeda"** (Lucas 20:24). Ele não tinha dinheiro consigo, nem quando os soldados O crucificaram.

Suas acomodações

O Salvador confirmou possuir recursos mínimos quando disse a um seguidor

em potencial: *"O Filho do Homem não tem onde reclinar a cabeça"* (Mateus 8:20). Ao nascer, *"não havia lugar... na estalagem"* (Lucas 2:7). Antes de iniciar Seu ministério público, Ele passou quarenta dias e quarenta noites sozinho no deserto. Certa ocasião, somos informados de que Ele *"saiu da cidade [de Jerusalém] para Betânia e ali passou a noite"* (Mateus 21:17). Nós lemos apenas uma vez acerca dele *"dormindo em um travesseiro"*, uma almofada emprestada em um barco (Marcos 4:38). Em outra ocasião, Ele *"subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus"* (Lucas 6:12). Sua prática mais costumeira, quando em Jerusalém, era essa: *"à noite, saindo, ficava no monte chamado das Oliveiras"* (Lucas 21:37). A gramática de Lucas inclui uma palavra plural (noites), outra no gerúndio (saindo) e um verbo imperfeito (ficava).

Suas roupas

Vestimentas elegantes, caras e chamativas já existiam no tempo do Senhor Jesus. Ele até disse: *"Os que se trajam ricamente estão nas casas dos reis"* (Mateus 11:8). Mas o Senhor nunca tentou mostrar algum tipo de "estilo pessoal" através de Sua aparência. Ele usava roupas comuns, incluindo uma túnica ou capa externa. Assim, uma mulher *"tocou a orla da sua veste"* (Mateus 9:20) e, no cenáculo, Jesus *"tirou as vestes [exteriores]"* (João 13:4). Suas roupas eram modestas e apropriadas em todas as ocasiões, pois Ele não atraía admiração e nem crítica por causa de Sua aparência. Somente uma vez os olhares foram atraídos para Suas vestes, quando *"lhe vestiram uma veste de púrpura"* (João 19:2) e uma coroa de espinhos. Certamente os soldados devem ter ficado surpresos quando descobriram que Ele estava usando uma *"túnica... tecida toda de alto a baixo, [que] não tinha costura"* (João 19:23). Provavelmente, era um presente oculto e valioso que Ele havia recebido.

O Senhor Jesus viveu com pouco dinheiro, mas isso não diminuiu Sua alegria nem foi um empecilho à Sua jornada espiritual para Deus. Que grande lição! O mundo nos bombardeia com a mensagem de que riquezas, estilo pessoal e uma vida confortável são o objetivo de todos. Todavia, a pobreza de Cristo demonstra que posição socioeconômica e recursos financeiros abundantes não são imprescindíveis para poder viver para Deus e ter paz em nossos corações. A nossa força deve ser a alegria no Senhor, e não o nosso saldo bancário.

Sua responsabilidade

O Senhor Jesus pagou impostos, e nós devemos pagar também. Foi Ele mesmo quem ensinou a famosa lição: *"Dai, pois, a César o que é de César e a Deus, o que é de Deus"* (Marcos 12:17). Mesmo sabendo que

César poderia usar o dinheiro para propósitos não-bíblicos e egoístas, os cidadãos cristãos ainda precisavam pagar. Um dia, ele pediu a Pedro que pescasse um peixe que teria uma moeda na boca para pagar os impostos do templo judaico. Mais tarde, Jesus viu uma viúva colocando sua oferta nos cofres do templo. Embora os líderes judeus fossem usar as moedas para financiar a Sua própria traição, por 30 moedas de prata, Ele não impediu ou criticou esses pagamentos. Devemos dar *"a todos o que lhes é devido: a quem tributo, tributo; a quem imposto, imposto; a quem respeito, respeito; a quem honra, honra"* (Romanos 13:7 ARA). O uso inapropriado de fundos é uma questão entre o governo e o Senhor, para com quem eles são responsáveis.

Sua dependência

O Senhor Jesus Cristo ensinou: *"não andeis cuidadosos quanto à vossa vida, pelo que haveis de comer ou pelo que haveis de beber; nem quanto ao vosso corpo, pelo que haveis de vestir"* (Mateus 6:25), e que devemos orar: *"Pai nosso... o pão nosso de cada dia dá-nos hoje"* (Mateus 6:9-11). Praticando o que pregou, Ele confiou em Seu Pai para satisfazer Suas necessidades. Quando foi a vontade de Deus que Seu Filho jejuasse por 40 dias e 40 noites no deserto, não havia comida. Grande parte da provisão de Deus veio, aparentemente, de doações voluntárias. Por exemplo, depois do Seu nascimento em Belém, Deus providenciou a mudança para o Egito através dos presentes de ouro dados pelos magos que vieram do Oriente. Depois, na Galileia, Maria Madalena e outras mulheres *"o serviam"* (Marcos 15:41).

Algumas pessoas doavam dinheiro, enquanto outras preparavam comida. O Senhor Jesus curou a sogra de Pedro e ela *"levantou-se e serviu-os"* (Mateus 8:15). Depois que Mateus confiou em Cristo, ele Lhe preparou *"um grande banquete em sua casa"* (Lucas 5:29), e Maria, Marta e Lázaro *"fizeram-lhe... uma ceia"* (João 12:2) em Betânia.

O Salvador vivia em constante confiança em Seu Deus, e, mesmo assim, *"Judas tinha a bolsa"* (João 13:29). Embora Ele e os discípulos não tivessem 200 salários de um dia de trabalho para comprar pão para os 5000 homens, além das mulheres e crianças, eles tinham uma bolsa com fundos limitados para despesas futuras. O sábio Salomão defendeu uma reserva para necessidades futuras quando escreveu: *"Tesouro desejável e azeite há na casa do sábio, mas o homem insensato o devora"* (Provérbios 21:20). O Senhor Jesus Cristo é o nosso modelo em matéria de finanças, pois encontrou o equilíbrio perfeito entre a completa dependência de Deus e uma administração financeira sábia à luz das necessidades básicas e futuras.



A auditoria FINAL

De todas as parábolas contadas pelo Senhor Jesus, a parábola do mordomo infiel, registrada em Lucas 16:1-8, é, talvez, a mais difícil de interpretar. Os comentaristas têm debatido a moralidade da parábola – como o Senhor pode elogiar as ações manifestamente injustas de seu mordomo? Alguns respondem argumentando que, para entender adequadamente a parábola, precisamos trazer informações culturais adicionais – fundamentando que o desconto do mordomo representa a remoção

de uma taxa de juros cobrada ilegalmente ou, alternativamente, que o mordomo está simplesmente removendo sua própria comissão do negócio. Ambas as abordagens estão sujeitas à mesma objeção: as parábolas geralmente não exigem que importemos esse nível de informação cultural para entender seus significados. De fato, uma das características notáveis – embora não seja uma surpresa – das parábolas contadas pelo Senhor Jesus é sua capacidade de transcender culturas e comunicar,

de maneira clara, suas mensagens, ainda que em lugares distantes e mesmo que passado muito tempo.

De qualquer forma, essas tentativas de esclarecer a moralidade da parábola se tornam desnecessárias quando entendemos que o mordomo é elogiado, não por seu caráter, nem por suas ações, mas **"por haver procedido prudentemente"** (v. 8). É sua sabedoria, ou, melhor, sua astúcia que é elogiada. Esse mordomo é apresentado a nós, não como um modelo de probidade ou como um exemplo ético, mas como um retrato da prudência.

Portanto, é a astúcia do administrador que devemos imitar. E assim sendo, faríamos bem em perguntar de que maneira o mordomo foi astuto. A resposta é simples: ele usou os recursos que estavam à sua disposição por um período limitado de tempo para garantir sua bênção a longo prazo. Ele estava prestes a ser dispensado da sua mordomia. Os auditores foram convocados, e ele sabia muito bem que sua contabilidade não resistiria ao escrutínio deles. Alguns dias, no máximo, ou,

provavelmente, apenas algumas horas estavam disponíveis para ele fazer provisões para o futuro. A qualquer momento, os ativos do seu mestre seriam retirados do seu controle, e ele não seria mais capaz de utilizá-los para melhorar sua condição. A situação exigia uma atitude rápida e decisiva, e atitude rápida e decisiva foi o que o mordomo tomou. A urgência da situação é destacada para nós, em suas instruções ao devedor do seu senhor: **"assentando-te já"** (v. 6). No tempo cada vez menor à sua disposição, ele usou os recursos disponíveis para garantir seu futuro; é por isso que seu mestre o chama de **"prudente"**.

Como cristãos, nossa situação se assemelha à do mordomo de várias maneiras significativas. Assim como a ele, foram-nos confiados recursos que não são nossos. No contexto imediato da passagem, o foco é nos ativos financeiros, nossa riqueza. É importante não perder isso de vista; o nosso dinheiro não é nosso, mas é confiado a nós por Deus. E, como o mordomo, temos apenas um curto período de tempo para exercer nossa mordomia. Nenhum

*O nosso dinheiro não é nosso,
mas é confiado a nós por Deus.*

de nós sabe quando iremos ser chamados a dar conta de nossa mordomia, mas, mesmo que não seja agora, o tempo que resta a nós é curto – vai se dissipando; é desesperada e assustadoramente curto. E assim como o conforto material do mordomo dependia de como ele usava o breve tempo que tinha disponível, a nossa recompensa eterna é determinada por nossa fidelidade aqui e agora.

Vista sob esse prisma, a parábola do mordomo infiel é desafiadora ao extremo e deve nos levar a refletir se temos demonstrado a prudência que esse homem demonstrou. Tragicamente, muitas vezes é verdade que **"os filhos deste mundo são mais prudentes na sua geração do que os filhos da luz"** (v. 8). Planejar o futuro é algo que nossos amigos, vizinhos e colegas não salvos fazem o tempo todo. Eles estabelecem seus objetivos – realização acadêmica, sucesso na carreira, previdência para aposentadoria – e permitem que esses objetivos futuros

moldem suas prioridades e ações atuais. Os objetivos nos quais eles miram e investem são terrestres, passageiros e, em última análise, sem sentido, mas eles os perseguem com uma diligência e afinho que devem causar um choque de realidade em nós. Com demasiada frequência, nós, que devemos almejar e focar firmemente em galardões eternos e duradouros que realmente importam, somos meros espectadores, sem propósito, determinação ou foco. A realidade solene é que, se muitos de nós dirigirmos nossos negócios ou executarmos nosso trabalho com o mesmo esforço que investimos em nossa vida espiritual, morreríamos de fome. Poderíamos imitar, não a desonestidade do mordomo, mas sua sabedoria.

Nos versículos que seguem a parábola, o Senhor deixa claro que o valor do mordomo como exemplo é limitado à sua prudência. Espera-se que nós sejamos fiéis em nossa mordomia, como ele não era, e a fidelidade é crucial, pois é a chave

A realidade solene é que, se muitos de nós dirigirmos nossos negócios ou executarmos nosso trabalho com o mesmo esforço que investimos em nossa vida espiritual, morreríamos de fome.

A fidelidade é crucial, pois é a chave para nossa utilidade atual e nossa futura recompensa.

para nossa utilidade atual e nossa futura recompensa: **"Quem é fiel no mínimo também é fiel no muito; quem é injusto no mínimo também é injusto no muito. Pois, se nas riquezas injustas não fostes fiéis, quem vos confiará as verdadeiras? E, se no alheio não fostes fiéis, quem vos dará o que é vosso?"** (vv. 10-12). **"No mínimo"** descreve nossos bens materiais – exceto que eles não são propriamente nossos, porque também são descritos aqui como **"alheio"**. Seu dinheiro, sua casa, seu carro e todas as coisas que você possui não são realmente seus. Deus deu a você para que você possa administrá-los fielmente e, ao fazer isso, demonstrar sua aptidão para a você ser confiado **"o que é vosso"**. E se você ou eu falharmos nessa responsabilidade, não devemos esperar que Deus há de nos confiar o que é de real valor – seja agora, seja na eternidade vindoura.

Lucas 16 está lidando principalmente com bens materiais. A parábola dos talentos em Mateus

25 traz um argumento semelhante, mas é, talvez, mais ampla em sua aplicação; os talentos incluem o que é material, mas também abrangem toda a gama do que recebemos de Deus – habilidades, dons espirituais, educação, oportunidades e muito mais. A parábola ilustra que esses dons não foram distribuídos de forma idêntica a todos. Mas, como Lucas 16, destaca a relevância crucial em nossa mordomia – não o sucesso ou a prosperidade, mas a fidelidade ao nosso Senhor no período de Sua ausência. E nos lembra que nossa fidelidade (ou fracasso) aqui terá consequências eternas.

Já foi dito que nossa vida é um "treinamento para reinar", e é verdade. É também um momento de prova para o serviço. Nossa mordomia será auditada, e o desígnio do nosso serviço eterno e a proporção da nossa recompensa eterna dependerão do resultado dessa auditoria. Que Deus ajude todos nós a sermos fiéis mordomos de tudo o que Ele nos confiou.



VERDADE DIVINA[®]
www.verdadedivina.com.br